

A taberna: território de sociabilidades masculinas

Maria José Villa-Lobos³²⁴

Resumo

A taberna constitui o nosso objecto de estudo numa investigação em curso que tem como *locus* de análise o concelho de Montemor-o-Novo, Alto Alentejo, e se enquadra basicamente em duas áreas de estudo que eventualmente se entrecruzam: a de género e a de estratificação social.

Situamo-la num espaço/tempo de lazer intermediário entre o trabalho e a família, marcado por sociabilidades semi-públicas, configurações e diversas formas de apropriação, que se cruzam na permanência e na mudança., na tradição e na modernidade. Procuramos assim analisar os investimentos sociabilitários e relacionais produzidos e reproduzidos pelos agentes, conhecendo as propriedades estruturais do local taberna onde se desenvolvem as diversas práticas materializadas em actividades de tempo livre e de lazer, ou mesmo noutras que se situam na esfera económica das relações sociais de produção e do universo ideológico e político.

Na taberna – território acentuadamente masculino com múltiplas funções – o gesto, o corpo e a linguagem deixam as suas marcas, num quadro em que o consumo de bebidas alcoólicas ocupa um lugar relevante.

Sobre o ponto de partida da pesquisa

A nossa investigação tem como *locus* de análise as tabernas de Montemor-o-Novo, concelho do Alto Alentejo, e situa-se basicamente em duas áreas de estudo que eventualmente se entrecruzam: a de género e a de estratificação social.

Numa primeira abordagem, seguimos a proposta de Virgílio Borges Pereira³²⁵, encarando a taberna como um espaço/tempo de lazer intermediário entre o trabalho e a família, marcado por actividades de lazer sociável de forma explícita, onde se desenvolvem sociabilidades semi públicas, configurações e diversas formas de apropriação deste território pelos agentes sociais, com ritmos e investimentos relacionais próprios e que incorporam diversificados capitais e *habitus* que se reportam ao campo local das classes sociais. Procuramos assim analisar os investimentos sociabilitários e relacionais produzidos

³²⁴ Socióloga, Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas – Culturas Regionais Portuguesas, FCSH, UNL (1995), encontra-se a realizar o Doutoramento em Sociologia – Sociologia das Classes e dos Movimentos Sociais, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) da Universidade de Lisboa (2000). A presente comunicação inscreve-se numa investigação mais vasta que se iniciou em 2000 e está a decorrer no âmbito do doutoramento em Sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

³²⁵ Virgílio Borges Pereira, “Sobre a apropriação quotidiana do território”, in: Os vincados padrões do tecido social – uma análise das vivências quotidianas de uma freguesia industrializada do Vale do Ave, Porto, Edições Afrontamento, 1999.

e reproduzidos pelos agentes, conhecendo as propriedades estruturais do local taberna onde se desenvolvem as diversas práticas materializadas em actividades de tempo livre e de lazer, ou mesmo noutras que se situam na esfera económica das relações sociais de produção (exemplo: a taberna como locus de contratação laboral e de realização de negócios) e do universo ideológico e político (a taberna como possível local de encontro e de organização sociopolítica de determinadas fracções de classe).

Após uma pré-investigação recolhemos alguns dados que nos permitiram estabelecer esta problemática e a formulação de algumas hipóteses que rodeiam o próprio conceito de "taberna" a construir.

Deste modo a taberna seria possivelmente um território:

- de circulação de bens, pessoas e ideias e de produção e reprodução de relações sociais;
- de configurações, de interconhecimento onde se podem estabelecer solidariedades, conflitos e oposições, relações de sociabilidade, de convivialidade e de patrocínio;
- de representações que se relacionam com a problemática da identidade masculina/feminina, urbana/rural, de classe e étnica;
- acentuadamente masculino, em que se vislumbram relações de poder entre membros do mesmo género e entre actores sociais pertencentes a diferentes estratos sociais, configurando-se assim diversos tipos de relações ao nível das classes sociais, do rural/urbano e étnicas.

O nosso "estudo de caso" situa-se no concelho de Montemor-o-Novo, distrito de Évora. Procuramos caracterizar o território taberna e as suas marcas físicas, bem como as características dos agentes que dele se apropriam no quotidiano, efectuando diferentes usos e investimentos. Além disso, observar até que ponto, para além de ser um eventual local de solidariedades e de lazer masculinas, implica um relacionamento mais ou menos cimentado entre as várias classes e fracções de classe, que se estruturam no campo local das classes sociais num Alentejo historicamente palco de conflitos e dicotomias que emergem da sua configuração espacial estratificada.

A caracterização da taberna é estabelecida considerando a sua oferta e procura.

Assim, do ponto de vista da oferta procuramos assinalar o tipo de serviços que esta prestava/presta, nomeadamente:

- como espaço de lazer e convívio; como difusor de informação local;
- como local preferencialmente orientado para o consumo de bebidas (vinho/cerveja/outras), associado ou não a um posto de venda do tipo mercearia;
- como local de jogo; como posto de correio e pagamento de reformas.

Relativamente à procura, o nosso objectivo é o de conhecer se este espaço privilegia:

- o estabelecimento de relações de masculinidade, de conflito e de solidariedade no âmbito do lazer e do trabalho;
- a identificação dos protagonistas sociais que interagem na taberna e análise dos traços das relações por estes estabelecidas no campo local das classes

sociais. Caracterização da teia de relações estabelecidas entre os agentes e que se materializam na própria caracterização e demarcação dos espaços no seu interior (o espaço público e o espaço privado -”os reservados”), porventura lugares de destaque para a execução de negócios, sendo distintivo das duas classes sociais antagónicas – os trabalhadores rurais e os proprietários. Procuramos também conhecer as posições ocupadas pela classe média no território taberna e a sua localização topográfica face às outras posições, relacionando-as também com o lugar que ocupam no campo local das classes sociais.

Nesta primeira abordagem, a operacionalização da identificação dos diversos tipos de clientela da taberna é feita tanto em função do género (masculino/feminino) como em função dos diferentes estratos sociais e classes etárias (crianças/jovens/adultos/velhos), que constroem e actualizam ali as suas práticas e representações.

Salientamos a linguagem e as práticas sociais como possíveis indicadores das relações de poder e de apropriação masculina do espaço. Estes indicadores são posteriormente cruzados com outros, agora com o propósito de caracterizar o grupo e classe social a que pertencem estes indivíduos e a teia de relações que entre estes se estabelecem.

Porque a realidade social, cultural e económica é dinâmica, situamos a taberna num duplo eixo diacrónico e sincrónico (1960 – 2002 – delimitação temporal provisória), procurando assinalar as permanências e mudanças operadas tanto ao nível da oferta como ao nível da procura.

A construção deste objecto de estudo atravessa quatro áreas do conhecimento sociológico, que se interpenetram tanto na caracterização do espaço social da taberna como na caracterização das representações e práticas dos seus públicos: a Sociologia da Estratificação Social e Classes Sociais, a Sociologia de Género, a Sociologia da Cultura e a Sociologia do Quotidiano.

O nosso olhar sobre o objecto: questões e itinerários

O método utilizado nesta primeira fase da investigação centrou-se na pesquisa de terreno e como tal implicou a “*presença prolongada* do investigador nos contextos sociais em estudo e *contacto directo* com as pessoas e as situações”³²⁶.

Esta pesquisa implicou a selecção de estratégias de terreno que em parte variaram consoante a taberna em causa e o grau de receptividade do gerente e dos seus clientes.

A questão da identidade e dos papéis enquanto investigadora que está presente na pesquisa de terreno, exigiu desde logo uma tomada de consciência e de decisões medindo as consequências das estratégias seleccionadas. Todas as situações daí decorrentes, a par doutras informações e observações, constituem notas de campo substantivas que registamos.

³²⁶ António Firmino da Costa, “A Pesquisa de Terreno em Sociologia”, in: Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1986, p.129.

Entre as técnicas de recolha e de registo da informação que utilizamos neste trabalho, destacamos a criação de diversas fichas de trabalho e a observação participante.

A observação participante esteve sempre presente, permitindo não apenas registar o mais directamente observável – o espaço físico, o tipo de consumos, o vestuário, a linguagem – mas também o mais subtil – os gestos, a entoação da voz, a expressividade dos corpos e dos contactos, os valores, representações e afectos que estão por detrás dos comportamentos exteriorizados.

A observação directa permitiu registar meticulosamente informações sobre o espaço físico da taberna, tipo de construção, materiais utilizados, mobiliário e existências.

O vestuário, a expressividade do corpo, o gesto, e a linguagem associam-se aos diferentes actores sociais que interagem no território taberna, exteriorizando o papel social que desempenham e espelhando o estatuto que lhes é conferido localmente, sendo o seu estudo aprofundado ao longo desta investigação. São eles também que corporizam as relações sociais singulares e colectivas, *conferindo* a inclusão e igualdade entre todos e reforçando a coesão social e cultural no local, entre taberneiro e clientes, (caso do tratamento por vizinhos, do vestuário de assalariados agrícolas e de operários da construção civil, por exemplo).

Outras vezes conferem o distanciamento, a distinção, a diferença entre estatutos e papéis entre indivíduos de diferentes classes sociais e grupos profissionais. O tratamento do licenciado (*Sr. Dr.*) ou do proprietário é diferenciado em relação aos restantes clientes, assim como se assinalam diferenças entre os conhecidos, clientes habituais e os desconhecidos, clientes ocasionais. O vestuário, a expressividade do corpo, o gesto e a linguagem constituem assim também indicadores do grau de interconhecimento, familiaridade ou distanciamento entre os indivíduos ou os diversos grupos que interagem no quadro das relações sociais na taberna.

Os informantes privilegiados são sobretudo os gerentes dos estabelecimentos, na maioria dos casos o casal, quando os dois cônjuges estão a trabalhar nestes estabelecimentos, ou, noutros casos, menos significativos, é o marido ou é a mulher, consoante o grau de adesão que cada um deles estabelece em relação a este tipo de trabalho. Por vezes é também um ou outro cliente, que conhece bem a “casa” ou que a conhecia antigamente, antes de esta ter sofrido mudanças.

O universo empírico contempla 10 freguesias do concelho de Montemor-o-Novo. Procuramos assim, fazer uma recolha exaustiva dos vários estabelecimentos deste tipo em todo o concelho, procedendo assim a uma inventariação sistemática e completa deste universo.

O conceito de *taberna* inclui vários tipos de designação, variando em função da perspectiva em que é abordada e dos actores sociais que a produzem. A designação cultural é produzida pelo gerente do estabelecimento e pelos seus clientes, sendo esta, frequentemente diferente entre estes actores sociais. À denominação *taberna* corresponde – na perspectiva do gerente do estabelecimento – a uma representação de um território com carácter negativo e depreciativo. Por isso preferem-lhe chamar simplesmente *casa* ou mesmo *café*.

A classificação dos estabelecimentos, obedecendo a diferentes critérios de agrupamento, permitiu-nos construir a seguinte tipologia segundo o critério de localização geográfica:

- taberna de monte;
- taberna de aglomerado;
- taberna de aldeia;
- taberna de vila;
- taberna de cidade.

Caracterização da taberna: algumas observações genéricas constatadas ao longo da pesquisa de terreno

Não pretendemos aqui expor os resultados da análise das informações recolhidas, uma vez que o trabalho de investigação se encontra em progressão. O nosso objectivo é apenas o de esboçar – num quadro de análise ainda incompleto e insuficiente – alguns traços globais, gerais e comuns a vários estabelecimentos caracterizados, resultantes das observações de terreno e da aplicação das fichas de trabalho criadas para a caracterização destes estabelecimentos.

As funções da taberna

Globalmente podemos afirmar que apesar das características que as une, cada taberna é um território particular e diferenciado. Os espaços de apropriação social do território variam. Por vezes a referida apropriação desenrola-se dentro e fora da taberna, na esplanada no Verão ou na montra, no muro em que se sentam os clientes, ou simplesmente reunindo-se de pé à conversa fora da taberna, (à noite sobretudo no Verão), que por vezes continua mesmo depois do encerramento do estabelecimento.

No interior da taberna há por vezes para além da sala do café, um reservado e um salão de jogos. Nem sempre há cozinha, nem casas de banho (estas por vezes ficam localizadas noutra casa, exterior ao estabelecimento).

O jogo está presente em muitas tabernas, quer os entretenimentos considerados mais tradicionais – as cartas, dominó, damas – quer o jogo de setas, quer ainda os jogos electrónicos que tendem a instalar-se ali com mais frequência. A televisão, geralmente com som muito alto e os jornais estão sempre presentes.

Destacamos a televisão por cabo e a parabólica como equipamentos habituais na taberna, algumas emitindo o canal da Playboy e a Sportv. De facto, o erotismo está presente em quase todos os estabelecimentos estudados, quer através do comportamento, da linguagem e do gesto, quer através dos calendários e de diversos objectos ornamentais, ou ainda através da venda de cassetes áudio de tipo erótico.

Assumidamente masculinos, nestes territórios parecem estabelecer-se relações de sociabilidade intensas e comunhão do grupo em torno de programas de tipo erótico (canal 18 e Playboy) e desportivo (Eurosport e SporTV). São as noites – exclusivamente dos homens, na maioria dos estabelecimentos – os períodos privilegiados para esses momentos em que o *nós* masculino se afir-

ma e se apropria de todo o território. No limite da presença erótica nas tabernas, encontramos três em que se efectua a prática da prostituição e duas com marcas desta.

As funções desempenhadas pela taberna passam pela diversão no aspecto lúdico do jogo, o acesso aos media – TV, jornais e revistas – e pelo consumo de bebidas, sobretudo alcoólicas. Constituem ainda pontos de encontro para caçadas e pescarias ou apenas para convívio e petiscadas. Também servem para realizar transações financeiras ou então como ponto de encontro onde os interessados congregam a sua concretização noutra local. A sua objectivação é provada pela presença de vários funcionários de diversas instituições financeiras dos arredores (“os homens do banco”), que procuram as tabernas para realizarem transações financeiras, quer com os gerentes, quer com os clientes. Por vezes os gerentes das tabernas ou das mercearias também efectuam transações financeiras – trocam cheques por dinheiro a clientes conhecidos e/ou gerem dinheiro dos clientes reformados.

Servem também para passar o tempo, mesmo sem nada consumir – caso dos reformados que durante as horas de pouca clientela permanecem nas tabernas. Para as mulheres as tabernas-café servem para tomar o pequeno almoço/lanche e sobretudo para tomar *a bica* após o almoço, individualmente, e frequentemente em grupo.

O aspecto lúdico encontra-se muitas vezes associado ao consumo excessivo de álcool pelos homens, acontecendo espontaneamente – na maioria dos casos –, ou de forma organizada – com menos frequência –, toques de música com diferentes instrumentos (harmónica “gaita de beijos”, concertina, guitarra), ou apenas cantares individuais ou em grupo. Esta prática é muitas vezes desencorajada pelos gerentes dos estabelecimentos. Encontrámos, no entanto, uma taberna em que o próprio taberneiro fornece as harmónicas aos clientes para estes tocarem quando lhes apetecer.

Tipos de consumo na taberna

Os tipos de consumo variam consoante a idade e o sexo, e repartem-se diferentemente pelos territórios caracterizados.

As bebidas alcoólicas são praticamente exclusivas dos homens, sendo o vinho mais consumido pelo grupo etário mais velho, embora a procura de cerveja pareça ter vindo a aumentar em todas as idades.

Os petiscos são apenas consumidos pelos homens, sendo acompanhados geralmente por bebidas alcoólicas (sobretudo vinho ou cerveja) e tomados maioritariamente ao balcão da taberna. As mulheres consomem sobretudo café, acompanhado por bolo/doce, não bebem muitos refrigerantes e, no Verão, comem gelados, conjuntamente com as crianças e os jovens.

A taberna é um território dominado pelo género masculino. São também os homens que maioritariamente tomam ali refeições (sobretudo almoços) que os vários estabelecimentos servem ou “desenrascam”, mesmo não tendo autorização para esse tipo de oferta. Exercendo uma profissão vêm em grupos de trabalho ou individualmente, encomendam almoço ou aparecem ritualmente num dado estabelecimento, passando frequentemente a palavra uns aos outros sobre o local onde estão a comer e do “prato do dia”, cativando assim outros

colegas, no sentido de os conduzir ao mesmo estabelecimento (como acontece com os motoristas de veículos pesados de mercadorias).

Também os grupos de caçadores/pescadores são, por vezes clientes destes estabelecimentos – marcam o dia e levam a peça caçada/pescada para ser confeccionada na taberna (frequentemente ao fim de semana). Os grupos de mulheres surgem por vezes apropriando-se muito esporadicamente de parte do território taberna, sobretudo por ocasião do aniversário de uma delas, incidindo mais esta prática ao fim de semana.

Grau de frequência dos clientes na taberna

Os ritmos de frequência dos clientes na taberna variam em função do sexo e idade, naturalidade, residência e condição perante o trabalho, tendo estas variáveis peso diferente nos diversos estabelecimentos estudados.

Às primeiras horas do dia, em muitas das tabernas, chegam os homens que ali vão “matar o bicho” antes de se dirigirem para o trabalho. Alguns voltam depois do almoço (“para a bica”), mas concentram-se mais ali ao fim da tarde para “petiscarem” antes de regressarem a casa.

Os motoristas de veículos pesados de mercadorias e os seus ajudantes são assíduos nos almoços de muitos estabelecimentos que se *especializaram* neste tipo de cliente. Os operários da construção civil e outros trabalhadores que se encontram por curtos períodos de tempo na zona onde se situa a taberna são também clientes habituais dos almoços, consumindo-os frequentemente com os colegas e várias vezes com o empreiteiro que, previamente, encomenda a refeição. Os motoristas e outros trabalhadores com as características referidas, trazem por vezes o almoço, permitindo o gerente do estabelecimento que estes ali comam numa mesa (frequentemente demarcada e por vezes no exterior), consumindo apenas a bebida da casa.

Se algumas mulheres frequentam a taberna-café de manhã, sobretudo quando esta também é mercearia, comprando ali os bens alimentares, é após o almoço que são mais assíduas, individualmente e muitas vezes em grupo. Aos fins-de-semana, frequentam-na habitualmente acompanhadas pelos maridos, com amigas ou com os filhos.

De manhã e à noite, os velhos e os reformados não são clientes habituais. A tarde constitui o período do dia em que são mais assíduos, ficando em muitos estabelecimentos “nas horas mortas” a jogar às cartas, a ver televisão, a ler o jornal, ou apenas (com mais frequência), sem nada consumirem, só a conversar ou a ver quem passa “para se distraírem”, sentados nas montras das tabernas, nas esplanadas ou em bancos corridos que existem em vários estabelecimentos ao pé da porta de entrada.

A taberna – território masculino

Na taberna enquanto território marcante no lazer masculino, inscrevem-se diversas formas de incorporação traduzidas nas posturas, práticas e relações de sociabilidade construídas pelos seus utilizadores.

Como referimos associando-se ao consumo *tradicional* de petiscos e bebidas, sobretudo alcoólicas, a oferta da taberna é múltipla. O jogo, o consumo televisivo, em particular, a televisão por cabo, são outro tipo de divertimentos

masculinos existentes neste espaço. Também o erotismo presente nos calendários, nas cassetes áudio e, por vezes, o vídeo à venda nos estabelecimentos, reforça a comunhão masculina, marcas de sociabilidade que antes não estavam tão presentes.

Por outro lado, as imagens da masculinidade penetram no plano das comunicações mais íntimas e são preservadas pelos costumes e por comportamentos sociais ritualizados – o lado tradicional desta questão –, constituindo-se, por isso, um fenómeno institucional pois pertence à linguagem formalizada, ou ao “código” cuja elaboração se encontra internamente ligada aos modelos de organização social. “Há trabalhos de homem, distrações para homens, grupos sociais para homens – uma divisão sexual do trabalho assente no mais profundo dos pressupostos: “o lugar da mulher é em casa”.³²⁷ As imagens da masculinidade encontram-se possivelmente presentes na caracterização dos actores sociais na taberna através dos seus rituais e representações, penetrando nas ideologias, reflectindo as normas e os códigos dos grupos de pertença, nas esferas do lazer, do trabalho e do poder.

Finalmente estabelecemos a ligação da taberna com o espaço de confluência de género e de classes sociais.

A questão que se tem colocado nas várias produções teóricas acerca do assunto consiste em determinar se são as desigualdades de género que reflectem as diferenças de classe, ou se pelo contrário, o género influencia a estratificação nas sociedades modernas, independentemente da classe. Não temos pretensões de resolver este problema, mas tão só, na nossa modesta contribuição, observar e analisar as formas de relação entre estes dois conceitos – género e classe social – no *território-taberna*, pois como refere Wright³²⁸ é mais importante compreender as interconexões da classe e género em problemas exploratórios específicos do que procurar qualquer tipo de prioridade metafórica da análise de classe sob a análise do género (ou vice versa). Na sua formulação conceptual de classe e género estes conceitos são tratados como relações analiticamente distintas que interagem em variadas composições dispostas socialmente.³²⁹ Neste estudo os dois conceitos interrelacionam-se e objectivam-se através das práticas e das representações que se estabelecem na taberna enquanto quadro de interacção.

De acordo com Miguel Vale de Almeida³³⁰, nestas reflexões “três tendências parecem estar a penetrar nos estudos de género com algum proveito: a teoria da prática, derivada de críticas ao marxismo ortodoxo; os modelos de relação entre estrutura e prática desenvolvidos sobretudo por Bourdieu (1972, 1980),³³¹ e Giddens (1979),³³² e a análise contextual do *self*, da acção pessoal e da intersubjectividade”.³³³

³²⁷ Andrew Tolson, *Os limites da masculinidade*, Assírio e Alvim, 1983, (1977), 10.

³²⁸ Erik Olin Wright, “Class Analysis”, in *Class Counts. Comparative Studies in Class Analysis*, Cambridge (USA), Cambridge University Press, 1997, 39.

³²⁹ Idem.

³³⁰ Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995.

³³¹ Pierre Bourdieu, *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*, Genebre, Droz, 1972.

Id, *Le Sens Pratique*, Les Editions de Minuit, 1980.

Segundo o sociólogo Robert Connell³³⁴ as abordagens situam-se a dois níveis entre os relatos intrínsecos (focalizados no poder, considerando as categorias anteriores à prática ou emergindo dela, ou no costume) e os relatos extrínsecos das determinantes da desigualdade social. Em ambos os casos – relatos intrínsecos e extrínsecos – exprime-se a tendência geral de uma simbiose entre a vida social e a estrutura social. Este autor segue Bourdieu e Giddens, propondo uma interconexão entre estrutura e prática, situando os actos dos indivíduos na constituição das relações sociais que realizam. A teoria para o estudo do género desenvolvida por Connell situa-se nos parâmetros de uma teoria da prática. “A divisão do trabalho, a estrutura do poder e a estrutura da *catexis* (sentimentos e emoções) seriam os principais elementos de qualquer “Ordem do Género” ou “Regime do Género”. Os modelos estruturais e os inventários estruturais seriam modos complementares de olhar os mesmos factos, sendo, na prática, sempre feitos juntos”.³³⁵

No nosso caso é no *território taberna* que se objectivam os elementos referidos e se cumpre a pluralidade do *habitus* masculino. Bourdieu refere (exemplificando com o mercado matrimonial) que o *habitus* se constrói e actualiza na sua relação com o espaço reservado onde os homens realizam jogos de competição, estabelecendo dissimetrias entre homem e mulher nas trocas simbólicas, sujeito e objecto, agente e instrumento.³³⁶

Fazendo uma incursão nos estudos de género em Portugal, a investigação efectuada por Miguel Vale de Almeida em Pardais³³⁷ (aldeia situada no concelho de Vila Viçosa) constitui uma referência obrigatória, quer pela perspetiva teórica e análise efectuadas, quer pelas características do seu objecto de estudo e localização espacial (no mesmo distrito em que situamos a nossa investigação). Este autor tem como linhas de reflexão para o estudo da *masculinidade hegemónica* as noções de símbolo e significado, discursividade e prática, a construção e reconstrução sociais. Tomando de empréstimo a Gramsci³³⁸ o conceito de *hegemonia*, entendida como “ascendência social alcançada para lá das disputas de poder, na organização da vida privada e dos processos culturais”,³³⁹ Miguel Vale de Almeida aplica-o às relações do género. Considera que se “trata da capacidade de impor uma definição específica sobre

³³² Anthony Giddens, *Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*. London: Macmillan, 1979.

³³³ Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995, 143.

³³⁴ R. Connell, *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*, Stanford, Stanford University Press, 1987.

³³⁵ Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995, 144.

³³⁶ Vide Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995 e Pierre Bourdieu, “La Domination Masculine”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 84, 1990.

³³⁷ Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995.

³³⁸ A Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks*, London, Lawrence and Wishart, 1971.

³³⁹ Vide Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995, 155 e R. Connell, *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*, Stanford, Stanford University Press, 1987, 184.

outros tipos de masculinidade”, considerando-o como possibilitador duma “concepção dinâmica de masculinidade, entendida assim como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemónicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemónico, sustentado pelos significados simbólicos “incorporados”.³⁴⁰

Uma vez que a cultura se exprime “nos valores de um dado grupo de pessoas, nas normas que seguem e nos bens materiais que produzem”,³⁴¹ a taberna constitui um território apropriado socialmente pelos diversos agentes que nele investem e o usam, onde se poderão encontrar diferentes manifestações de sociabilidade, padrões de comportamento, *habitus*, e capitais culturais diversificados.

Ultrapassando uma visão estritamente marxista, procuramos não apenas conhecer a teia de relações que nela se estabelece a nível vertical (de dominação/subordinação), mas também a nível horizontal (eventualmente de solidariedade masculina entre outras), abarcando o económico, o social, o cultural, mas também o simbólico. Por outro lado entramos em ruptura com uma visão estritamente economicista, pois encaramos a taberna como um local multidimensional, e o seu estudo como um fenómeno social total, em que a posição dos actores poderá não ser determinada exclusivamente pelas relações de produção económica dos indivíduos, ocupando o *status*, o capital cultural e político um lugar importante na sua definição sociológica.

Não podemos ainda ignorar as possíveis lutas simbólicas desenvolvidas no território taberna e que reflectem as diferentes *correlações de força* dos seus frequentadores, nos quais está em jogo a própria representação do mundo social e a hierarquia que possa existir em cada um dos *campos* em que se movem ao longo do seu quotidiano.

A taberna inscreve-se no quotidiano dos vários actores sociais que a frequentam. Enquanto território multifuncional encontra-se pois na encruzilhada entre a rotina e a ruptura produzida por estes grupos em que se revela a construção do social através das rotas do quotidiano.³⁴² Neste sentido, salientamos a abordagem sociológica de Goffman que procurou mostrar como os episódios triviais da vida quotidiana também constituem uma dimensão central da pesquisa sociológica, não sendo um domínio meramente marginal. Pensamos que o conceito de quadro – “frame”³⁴³ – poderá ser aplicado no nosso estudo, uma vez que parte do pressuposto de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que contribuem para gerar os acontecimentos e o nosso envolvimento subjectivo ao longo da sua construção

³⁴⁰ Vide Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Ed. Fim de Século, 1995, p. 155.

³⁴¹ Anthony Giddens, “Cultura e Sociedade”, in: *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

³⁴² Vide João Arriscado Nunes, “Erving Goffman, A Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana”, in: *Sociologia do Quotidiano*, Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa, 37- Junho, 1993.

³⁴³ Erving Goffman, *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, Boston, Northeastern University Press, 1986 (1974).

Podemos considerar as “maneiras de fazer”, “as maneiras de estar”, “as maneiras de interagir” “tão significantes quanto os resultados das práticas quotidianas, tantas vezes analisados à margem das retóricas e expressividades próprias da vida quotidiana”.³⁴⁴ É assim pertinente incluir no estudo da vida social que se desenrola na taberna a comunicação não verbal, as regras sociais, as conversas, a fala e modos de falar, os lapsos de linguagem e do corpo e a interacção entre todos estes domínios.

Tal como faz António Firmino da Costa no seu estudo sobre a sociedade de bairro de Alfama,³⁴⁵ vamos confrontar o conhecimento teórico e empírico ao longo da investigação, colocando interrogações, revendo análises, elaborando sínteses, de tal forma que o “espaço-taberna” constitua um conceito a construir no decurso da pesquisa, sendo um ponto de chegada e não meramente um ponto de partida. Por outro lado, naquele mesmo espaço as classes sociais e o género vão ser operacionalizados em traduções cruzadas, atravessando quadros de interacção³⁴⁶ múltiplos, de onde é possível descortinar dinâmicas em que a modernidade e a tradição se misturam nas práticas e representações construídas pelos indivíduos que habitualmente frequentam a taberna.

Bibliografia

- Berger, John (1972), *Ways of Seeing*, G. London, Weidenfeld and Nicolson, 1972.
- Bourdieu, Pierre, Chamboredon, Jean-Claude, Passeron (1983 [1968]), *Le Métier de Sociologue: Préalables Épistémologiques*, Paris, Mouton Éditeur.
- Bourdieu, Pierre (1980), *Le sens pratique*, Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1990), “La Domination Masculine”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 84.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Ed.
- Burgess, Robert (1997), *A Pesquisa de Terreno, uma introdução*, Oeiras, Celta Ed.
- Chartier, Roger (1996), “Lectures “populaires””, in: *Culture écrite et société: L'ordre des livres (XIV – XVIII siècle)*, Paris, Bibliothèque Albin Michel, Histoire.
- Connell, R. (1987), *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*, Stanford, Stanford University Press.

³⁴⁴ José Machado Pais, “Nas Rotas do Quotidiano”, in: *Sociologia do Quotidiano*, Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa, 37- Junho, 1993.

³⁴⁵ António Firmino da Costa, *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta, 1999.

³⁴⁶ Seguimos o conceito de quadro de interacção definido por António Firmino da Costa, *Idem*, 296. Este refere que, “com o conceito de quadros de interacção, se pretende dar espaço conceptual e elaboração teórica a aspectos como: a) a dimensão contextualizada das práticas sociais; b) a lógica específica dos processos de interacção; c) a formação de sistemas de relações sociais, relativamente integrados e delimitados, assentando na interacção em co-presença directa – ou por vezes, também em certos dispositivos, sociais e tecnológicos, de alongamento e amplificação dos processos interaccionais; d) a estruturação social desses sistemas enquanto feixes multidimensionais, contextualmente densificados e interaccionalmente regulados, de regras e recursos, de condições e padrões da acção social; e) os modos como as condições estruturais, os sistemas institucionais, as configurações culturais e os processos sociais de âmbitos mais vastos se actualizam nestes contextos de interacção, e como parte significativa das influências dos primeiros nas práticas sociais é mediada pelos últimos ou é intersectada pela interferência específica deles.

Costa, António Firmino da (1986), " A pesquisa de terreno em Sociologia", in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editores.

Giddens, Anthony (1997), Anthony Giddens, “Cultura e Sociedade”, in: *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Goffman, Erving, (1986 [1974]), *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, Boston, Northeastern University Press.

Grignon, Claude e Passeron, Jean-Claude (1989), *Le savant et le populaire: misérabilisme et populisme en sociologie et en littérature*, Gallimard Le Seuil, Hautes Études.

Machado, Fernando Luís, Costa, António Firmino da (1998), “Processos de uma modernidade inacabada – mudanças estruturais e mobilidade social”, in José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs), *Portugal que Modernidade?*, Oeiras, Celta.

Nunes, João Arriscado (1993), "Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, Junho.

Pais, José Machado (1993), "Nas Rotas do Quotidiano", in: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, Junho.

Pereira, Virgílio Borges (1999), *Os vincados padrões do tecido social – uma análise das vivências quotidianas de uma freguesia industrializada do Vale do Ave*, Porto, Edições Afrontamento.

Tolson, Andrew (1983 [1977]), *Os limites da masculinidade*, Assírio e Alvim.

Vale de Almeida, Miguel (1995), *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Ed. Fim de Século.

Wright, Erik Olin (1997), “Class Analysis”, in *Class Counts. Comparative Studies in Class Analysis*, Cambridge (USA), Cambridge University Press.